

Tema
REABILITAÇÃO

A educação musical no processo de reabilitação do deficiente visual

Music education in the rehabilitation process of the visually impaired

Paulo Roberto de Oliveira Coutinho

RESUMO

O foco desta pesquisa é na aplicação do ensino de música no processo de reabilitação do deficiente visual no Instituto Benjamin Constant. Ensinando música para deficientes visuais que perderam ou estão perdendo a visão na fase adulta, percebemos melhor suas angústias, ansiedades e dificuldades atribuídas à perda da visão de forma repentina. O objetivo desta pesquisa é relatar, de forma investigativa, nossas estratégias propostas nas aulas de violão em grupo e nas aulas de musicalização, e como essas estratégias podem influenciar o aprendizado musical e a vida social desses reabilitandos. A metodologia aplicada neste trabalho se aproxima da proposta da pedagogia liberal renovada não diretiva, uma das linhas pedagógicas apontadas por Libâneo, que trata justamente de um relacionamento entre professor/aluno, no qual o professor é um agente facilitador e mediador de todo o processo. Dialogando com alguns autores da área da psicologia e da educação musical, conseguimos apreender e investigar o processo ensino-aprendizagem desses alunos, o que nos trouxe à tona alguns resultados, como: uma maior procura das aulas de música; o violão como uma atividade de lazer fora das aulas; a forma de se expressar e se comunicar, pela música, nas aulas e nas apresentações; um sentimento de superação e busca da autoestima.

Palavras-chave: Deficiente visual. Musicalização. Pedagogia da motivação. Reabilitação.

ABSTRACT

This research focuses on the application of music teaching to the rehabilitation process of the visually impaired at Benjamin Constant Institute. By teaching music to persons who have lost or are losing their sight in adulthood, we understand better their troubles, anxieties and difficulties due to sudden vision loss. The objective of this research is to report, in an investigative way, the strategies we proposed during individual guitar lessons and group musicalization classes, and how these strategies may influence the musical learning and the social life of the rehabilitation class attendees. The methodology used in this work approaches to the proposal of the nondirective renewed liberal pedagogy, one of the lines pointed out by Libâneo, who deals exactly with a teacher/student relationship, in which the teacher is a facilitator and mediator of the process. By dialoguing with some authors in the fields of psychology and music education, we were able to apprehend and investigate the teaching-learning process of these students, which brought up some results, such as: an increasing demand for music classes; interest in the guitar as an amusement activity, apart from the lessons; a way for self-expression and communication, through music, in classes and presentations; a feeling of self-surpassing and search for self-esteem.

Keywords: Visually impaired. Musicalization. Pedagogy of motivation. Rehabilitation.

INTRODUÇÃO

Este artigo consiste em apresentar um trabalho de educação musical que está sendo desenvolvido com alguns alunos deficientes visuais no setor de reabilitação do Instituto Benjamin Constant no Rio de Janeiro. Ao iniciar o trabalho de ensino de música no setor, em junho de 2009, com a oferta de aulas coletivas de violão juntamente com as aulas de musicalização, procuramos desenvolver um trabalho que pudesse intervir de forma positiva na vida social desses alunos, que, por perderem a visão na fase adulta, se encontram, na maioria das vezes, em estado de depressão devido à cegueira adquirida de forma repentina.

Dialogando com alguns autores da área da educação musical e também da psicologia, descreveremos a seguir nossas ações, a fim de levantar algumas questões relacionadas à cegueira adquirida na fase adulta que nos ajudarão a refletir sobre a relação entre o ensino de música, a deficiência visual e os resultados que conseguimos observar desde o início de nosso trabalho.

O INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT E A CEGUEIRA ADQUIRIDA

Hoje, o Instituto Benjamin Constant (IBC) é uma referência, em nível nacional, para questões da deficiência visual. Possui uma escola, capacita profissionais da área da deficiência visual, assessora escolas e instituições, realiza consultas oftalmológicas à população, reabilita, produz material especializado impressos em braille¹ e publicações científicas.

O setor de reabilitação do Instituto é constituído por uma equipe de médicos, terapeutas, psicólogos e professores que objetivam reabilitar o indivíduo que, por algum motivo, patológico ou acidental, perde a visão na idade adulta. Muitos reabilitandos – como eles são chamados – participam de um grupo de atividades com fins pedagógicos, sendo elas: orientação e mobilidade, atividades da vida diária, habilidades básicas, leitura e escrita por meio do sistema braille, informática, educação física, cerâmica, cestaria, artesanato, música e teatro. Além da oferta de cursos profissionalizantes, como massoterapia, shiatsu, drenagem linfática manual e reflexologia dos pés, o setor de reabilitação desenvolve, ainda, o Programa de Atendimento e Apoio ao Surdocego e realiza também atividades culturais e educacionais, como o Grupo da Terceira Idade e o Centro de Convivência (reabilitandos que já concluíram as atividades da reabilitação).

Essas atividades oferecem aos alunos o aprendizado reabilitacional e um possível encaminhamento para o mercado de trabalho, buscando sempre novas expectativas para a devida reinserção e inclusão no mundo social e profissional.

Segundo Carroll (1968), a perda da visão na fase adulta traz ao indivíduo um choque psíquico, o que se chama de luto, e conseqüentemente outras perdas acabam se somando à cegueira na vida dessas pessoas. Algumas delas podem ser destacadas, como:

a perda da integridade física; a perda da confiança dos sentidos remanescentes; perda do contato real com o meio ambiente; perda do campo visual; perda da segurança luminosa; perda da mobilidade; perda das técnicas da vida diária; perda na facilidade da comunicação escrita; perda da percepção visual do agradável e do belo; perda da recreação; perda da adequação social; perda da carreira profissional; perda da segurança financeira; perda da autoestima; entre outras. (CARROLL, 1968, p. 11-68)

Amiralian (1997) também nos aponta que os efeitos da cegueira adquirida sobre o indivíduo estão em função de três fatores: “a fase de desenvolvimento em que se encontra o sujeito, a forma de instalação da cegueira (súbita ou progressiva) e as condições pessoais e familiares do sujeito antes da ocorrência do problema” (AMIRALIAN, 1997, p. 67).

Por meio de um contato mais próximo com esses deficientes visuais nas aulas de música, foi possível perceber esses efeitos causados pela cegueira com a própria vivência como professor em sala de aula.

AS AULAS DE MÚSICA NA REABILITAÇÃO

Diante da história de vida desses alunos e de todo o contexto, surgiu-nos uma grande inquietude em querer desenvolver um trabalho que pudesse contribuir não só para um aprendizado musical, mas também para uma efetiva intervenção na vida social desses indivíduos. Houve a necessidade de se pensar no que poderia ser importante para esses alunos no ensino de música diante de todo esse quadro de perdas descrito anteriormente.

Na primeira semana de aula realizamos entrevistas semiestruturadas, com o objetivo de obter dados de caráter histórico, social e cultural dos alunos. Além das entrevistas, as conversas informais em sala de aula e nos corredores do Instituto contribuíram, também, para uma melhor reflexão em torno de nossas ações em sala de aula.

Após coletar esses dados, foi possível perceber com mais clareza suas angústias e reais dificuldades, devido a perdas sucessivas ocorridas em suas vidas. Ao mesmo tempo, diante desse quadro, procuramos descobrir qual seria a função da música na reabilitação desses indivíduos e como ensinar música para esse público específico. Assim, buscamos a melhor forma de aplicar uma metodologia fundamentada em estratégias que pudessem ser adequadas para esses alunos. Uma metodologia que pudesse nos ajudar, como educadores, a entender a concepção de ensino de música que fosse viável a essas características apontadas.

De acordo com uma das linhas pedagógicas apontadas por Libâneo (1990), a pedagogia liberal renovada não diretiva no relacionamento professor/aluno tem o professor como um agente facilitador e mediador de todo o processo. O objetivo dessa relação é proporcionar o desenvolvimento pessoal do indivíduo na busca de sua autorrealização.

Os métodos usuais são dispensáveis, prevalecendo quase que exclusivamente o esforço do professor em desenvolver um estilo próprio para facilitar a aprendizagem dos alunos. Sua função restringe-se a ajudar o aluno a se organizar, utilizando técnicas de sensibilização onde os sentimentos de cada um possam ser expostos, sem ameaças. (LIBÂNEO, 1990, p. 27)

Essa corrente pedagógica levantada pelo autor vai ao encontro da pedagogia da motivação, na qual Rogers (1995) procura enfatizar o aprendizado ligado à autorrealização do aluno e como as respostas emotivas desse aluno se desenvolvem no processo de aprendizado. O autor concorda que uma diversidade no ambiente de aprendizado pode estimular a motivação e facilitar a aquisição de novos conhecimentos.

[...] o professor confia basicamente na tendência autorrealizadora de seus alunos. A hipótese que partiria é de que os estudantes que estão em contato real com os problemas da vida procuram aprender, desejam crescer e descobrir, esperam dominar e querem criar. Sua função consistiria no desenvolvimento de uma relação pessoal com seus alunos e de um clima nas aulas que permitissem a realização natural dessas tendências. (ROGERS, 1995, p. 151)

Esses apontamentos citados se aproximam de nossas propostas aplicadas neste estudo. Buscamos, a todo momento, facilitar o processo de ensino e aprendizagem e ao mesmo tempo mostrar pequenos desafios em que o aluno se sinta motivado e realizado com a conquista de seus objetivos. Essa motivação nos aponta para uma estreita relação entre o envolvimento e o prazer despertados pelos alunos e as atividades desenvolvidas em sala de aula. De acordo com esse raciocínio, aborda-se que

é a partir do estabelecimento de metas que direcionam as atividades do indivíduo que os componentes afetivos da motivação geram o estado de fluxo, ou seja, um profundo envolvimento pessoal nas atividades. [...] Quando o indivíduo alcança o estado de fluxo, por meio do equilíbrio entre os desafios propostos e suas habilidades, ele tem sua energia psíquica totalmente focalizada e concentrada na atividade em execução. (ARAÚJO, 2009, p. 123)

Ao notar essa motivação e o envolvimento com a música em sala de aula, resolvemos adotar algumas estratégias para tornar o estudo prazeroso, considerando as preferências musicais dos alunos, revisando e reforçando elementos já estudados anteriormente e procurando, sempre que possível, capturar o interesse e o entusiasmo de cada um.

Nas aulas de violão em grupo, todas as técnicas de dedilhado, orientação da postura de mãos esquerda e direita e memorização dos acordes são inseridas por meio das próprias músicas trazidas pelos alunos em aula. Por não terem desenvolvido ainda as técnicas para a leitura e escrita braille, solicitamos que cada aluno adquira um gravador, de modo que consigam gravar o que está sendo desenvolvido em aula. Assim, munidos do gravador em suas casas, eles podem escutar a forma certa de tocar e dedilhar os acordes, memorizar os encadeamentos desses acordes e a melodia da canção sugerida em aula.

Nas aulas de musicalização, fazemos uso de alguns instrumentos de percussão que disponibilizamos na sala de aula, sendo eles: pandeiros, caxixi, ganzá, surdo, pau de chuva e outros. O violão, a flauta doce e o piano se tornam instrumentos de apoio utilizados por mim, o professor, para a realização das atividades.

Nosso objetivo nas aulas de musicalização, assim como nas aulas de violão, é fazer com que as canções abordadas em aula sejam sugeridas pelos alunos, tornando-se o centro do trabalho. Acreditamos que a escolha de um repertório considerando as preferências musicais dos alunos pode capturar o interesse e o entusiasmo pela prática musical, fazendo com que o estudo seja prazeroso e motivador. A relação afetiva com as músicas abordadas pode despertar um desejo e um prazer intrínseco pelas atividades desenvolvidas em sala de aula, tornando-se, assim, uma estreita relação de bem-estar com a música. Dessa forma, propondo metas e pequenos desafios em sala de aula, acreditamos que o aprendizado se construa de forma natural e prazerosa, fazendo com que os conteúdos musicais sejam inseridos dentro desse processo. Buscamos a todo momento um trabalho prático que resulte sempre no ato de se produzir música em sala de aula, e que essa produção possa gerar apresentações musicais realizadas em datas festivas do Instituto e também ao final do ano, no encerramento das atividades.

De acordo com Paz (2000), o desenvolvimento da percepção auditiva, o desenvolvimento da concentração e da capacidade de coordenação do movimento e do pensamento são algumas das propostas de grandes educadores, como Dalcroze e Orff. Esses elementos nos parecem ser indispensáveis para esses alunos, não só para o fazer musical, mas, também, para a orientação e mobilidade na rua ou em outros espaços. Por isso investimos constantemente no estudo dos parâmetros sonoros, auxiliando e estimulando a escuta a partir dos sons que são ouvidos no dia a

dia, fazendo uma comparação com os sons que são produzidos em aula. Elementos como frequência, timbres, volume e, principalmente, o ato de organizar esses sons são discutidos por todos em nossas aulas.

Schafer (1991) em seu livro *O ouvido pensante*, descreve o seu trabalho com algumas turmas, a questão dos sons que estão à nossa volta e como diferenciamos os que são música dos que não são. O autor usa a palavra *organizada* para discutir e encontrar uma definição para o que venha a ser música. Assim ele a define: “Música é uma organização de sons (ritmo, melodia etc.) com a intenção de ser ouvida” (SCHAFER, 1991, p. 35, grifo nosso).

Notamos em nosso trabalho que, para esses alunos que não contam com o campo visual, é necessário que eles estejam conectados com a escuta e com a intenção de se organizarem os sons, de modo que assim encontrem um caminho para se produzir música.

RESULTADOS OBSERVADOS

Em um ano de trabalho, conseguimos levantar alguns resultados observados em todo o período. Destacamos a seguir os seguintes:

- Depois da apresentação no final do ano 2009, a procura da atividade de música no setor de reabilitação aumentou.
- Alguns alunos que estudavam violão desde o ano anterior hoje mostram nas próprias aulas algumas músicas ou trechos de músicas que conseguem “tirar” de ouvido em suas casas. Acreditamos que o uso do gravador em aula e também em casa foi um fator determinante para esse resultado.
- Como já foi relatado neste trabalho, a perda da recreação é um dos danos que se instalam por algum momento na vida dessas pessoas. De acordo com esse dado, hoje conseguimos ouvir em conversas informais relatos de alunos que admitem que se pudessem ficariam o dia inteiro tocando violão em casa. Constatamos, com essa informação, uma estreita relação de bem-estar de alguns alunos, por intermédio do instrumento, com relação à música.
- Alguns reabilitandos que antes de perder a visão nunca tiveram a oportunidade de ter aulas de música hoje conseguem cantar, se expressar e se comunicar com a música por meio das aulas e apresentações.
- Hoje conseguimos notar uma satisfatória evolução no que diz respeito à superação, ligada à presença de autoestima e ao sentimento de conquista pela realização de algumas atividades em sala de aula e nas apresentações.
- Observamos nesse período que a arte de tocar, cantar, se ouvir e ser ouvido se apresenta como uma fonte indispensável para um caminho em direção à inclusão social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esses são os resultados observados nesse período por meio de conversas informais, entrevistas, aulas, ensaios e apresentações ocorridos no Instituto Benjamin Constant com os alunos. Nesse processo, coloquei-me como um observador ativo, participando dos ensaios, das aulas e das apresentações como membro da turma, tocando e cantando com os alunos, trocando informações, conteúdos e aprendendo com toda essa dinâmica de trabalho.

Apesar de percebermos algumas dificuldades, o que nos parece normal em qualquer prática musical, notamos uma imensa satisfação dos alunos em fazer música. O entusiasmo de tocar e

cantar em conjunto se apresenta como elemento fundamental para integração e socialização de todos, o que nos aponta um caminho para a inclusão social. Consideramos, nesse sentido, que estar incluído vai além de estar espacialmente aceito: é também sentir-se culturalmente acolhido. Foi observado que o conhecimento generalizado dá ao deficiente visual elementos para que ele possa exercer sua cidadania e lutar contra a resistência de fatores externos. Isso nos motiva cada vez mais em fazer um trabalho aplicado ao ensino de música para alunos da reabilitação.

Acreditamos que esses resultados possam apontar para caminhos e servir como fontes para futuras discussões e reflexões em torno desse assunto. O trabalho ainda está em andamento. Não pretendemos nos esgotar com esse tema, pois estamos apenas iniciando uma pesquisa, e continuaremos refletindo sobre o assunto, já que ele não exaure as possibilidades de continuar com o desejo e a curiosidade de buscar novas abordagens para o ensino de música.

NOTAS DE RODAPÉ

1 Sistema de leitura e escrita em alto-relevo criado e desenvolvido pelo francês Louis Braille para deficientes visuais.

REFERÊNCIAS

AMIRALIAN, M. L. T. M. **Compreendendo o cego**: uma visão psicanalítica da cegueira por meio de desenhos-estórias. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

ARAÚJO, R. C.; LLARI, B. **Motivação e ensino de música. Mentem em música**. Curitiba: Deartes/UFPR, 2009.

CARROLL, T. J. **Cegueira**: o que ela é, o que ela faz e como conviver com ela. Revisão da tradução J. L. Venturine e A. A. Silva. São Paulo: Fundação para o Livro do Cego no Brasil, 1968.

LIBÂNEO, J. C. **Democratização da escola pública**: a pedagogia crítico social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1990.

PAZ, E. A. **Pedagogia musical brasileira no século XX**: metodologias e tendências. Brasília: Musimed, 2000.

ROGERS, C. **Tornar-se pessoa**. Tradução Manuel José do Carmo Ferreira e Alvamar Lamparelli. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SCHAFER, R. M. **O ouvido pensante**. São Paulo: Unesp, 1991.

Paulo Roberto de Oliveira Coutinho é licenciado em Música pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e atualmente professor de música de contrato temporário do setor de reabilitação (DRT) do Instituto Benjamin Constant (IBC), sendo mestrando no curso de Educação Musical da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).